

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 926

Sexta feira, 25 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

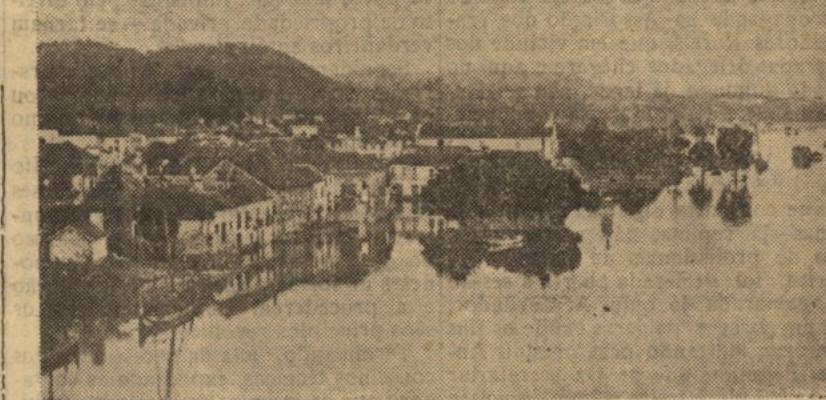
luso, porque Santarém não tem tabaco nacional, a modesta «coca de trancos» e obrigou o jornalista operário a extravagâncias.

— Segundo nos contaram lá em Lisboa — arriscámos a mèdo para provocas de laras — os escândalos veem de longa data...

— Sim... Deixe-me ver... (o nosso entrevistado esforçou a memória). Deixe-me ver... Devem datar aí de 1915, pouco mais ou menos...

— Por quem era composta a mesa da Misericórdia nessa época? — inquirimos.

— Por vários senhores de ridícula importância — declarou com decisão.



A Ribeira de Santarém em tempo de cheia

Eram o general Pedroso, Teles Feio, Manuel das Neves, Manuel João Telhada, João Costa, Mendes Cabral e Amílcar Veríssimo.

— Então esses homens, estando à testa desse estabelecimento — fizemos — ignoravam os graves escândalos, cujo eco chegou lá a Lisboa?

— Não — respondeu o dr. Godinho na sua voz grave e energica — não, eles não desconheciam o que se passava.

**Mancebias, entrevistas amorosas, scenas de ciúme, abortos provocados, tudo isto dentro do hospital.**

— Animando-se um pouco, entre fumaças nervosas, o nosso interlocutor formulou um formidável acuse:

— Eles não ignoravam que houve uma enfermeira que lá dentro do hospital provocou um aborto num doente, que era amante dum tal Cota. Não ignoravam também que essa enfermeira, fabricante de abortos, estava amancebada com vários mesários cujos nomes acabariam de citar-lhe. Alguns dos mesários roídos de ciúme correram com o mesário João Costa, boticário nesta cidade.

— Essa Costa amante da tal dona, a quem a enfermeira citada provocou o aborto, era também amante da enfermeira. Houve então uma cena escandalosa.

— O boticário João Costa quiz mandar matar o Cota. Enfim eram quase todos amantes, ou protectores da enfermeira e todos se guerreavam. As entrevistas amorosas davam-se lá no hospital.

— Mas isso não é um hospital! — exclamou o jornalista indignado.

— O dr. Godinho teve um sorriso amargo.

— Não é um hospital — disse ele — o que é sei eu...

**E trá na dansa um médico muito conhecido de Santarém — Um roubo de três contos — Um ricaço que falta à sua palavra.**

Descansámos um pouco — o jornalista de ouvir, para pôr em ordem os pensamentos; entrevistado de falar, para recomeçar com mais impeto e indignação.

— E como se chamava a enfermeira? — perguntámos. — E' necessário que o seu nome fique immortalizado na história. — da protissão.

— E' uma tal Maria Saldanha. Mas as suas façanhas não ficam por aqui.

— Há mais?

— Sim, há mais — afirmou o nosso interlocutor. — Essa Maria Saldanha mantiinha também relações com determinado médico.

— Quem era esse médico?

— Não lhe posso dizer, não devo responder a essa pregunta. Por honra da profissão, por honra e vergonha da minha profissão, não devo declarar-lhe o nome desse médico.

— O jornalista, porém, conversando mais tarde com outras pessoas de Santarém, soube, porque o caso anda de boca em boca, que o médico visado era o dr. sr. Manuel Branco, pai. Adiante. O nosso entrevistado prosseguiu:

— A tal Maria Saldanha, apesar de acobertada por esse médico, foi expulsa do hospital, porque o escândalo atingiu proporções desmesuradas, por ter roubado, em medicamentos e roupas, cerca de **tres contos**. Parte desse roubo foi apanhado pelo cabo Mamede.

Seja permitido ao jornalista um pormenor: foi o cabo Mamede que prendeu o autor destas linhas quando acabava de fazer uma conferência na Associação dos Empregados no Comércio. E continuemos.

— O roubo era importante — ia dizendo o dr. Godinho — O que livrou a Maria Saldanha da prisão foi o mesário Manuel João Telhada, o individuo mais rico de Santarém, ter prometido entrar com os **três contos**.

— E entrou?

— Não, pagou dez reis sequer.

— E a Maria Saldanha foi presa?

— Também não.

— O dr. Godinho ia a acrescentar qualquer coisa que não concluiu.

— Desculpe, meu amigo... já me esquecia. Tenho que estar agora sem fala com uma pessoa que me espera. Venha por cá logo à noite, não se esqueça, para lhe contar o resto.

— E saiu correndo quase à noite voltámos a conversar com o dr. Godinho, mas só àmanhã contaremos aos leitores o que ele nos disse.

## ACTUALIDADES

## A SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

terra as suas portas aos artistas modernos

Ninguém desistiu de o realizar — simplesmente surgiaram as primeiras dificuldades, levantadas pela Sociedade Nacional de Belas Artes, que devendo ser a primeira a estimular tam brillante iniciativa, não só recusa o seu concurso, como ate cerra as suas portas à moderna Geração.

E' que os artistas novos, em vez de lancarem uma nova organização, suporaram — e muito bem — que o seu programa poderia ser discutido e realizado na Sociedade Nacional de Belas Artes, e com o concurso de todos os artistas, novos ou velhos, sem haver necessidade de abrir discussões ou criar novas instituições.

Porque — é preciso accentuar — da parte dos novos não há menor prevenção contra a velha geração; — pelo contrario, os novos desejam que todos se entendam para a realização dum plano que aos artistas interessa, independentemente de escolas e do ridículo preconceito das idades.

Mesmo entre os novos há simpatia e admiração pela obra dalguns velhos que tal merecem — ainda há poucas horas o arquitecto José Pacheco me dizia a sua simpatia por Jóao Vaz, e a sua admiração pelo grande pintor Columbano.

\* \* \*

Mas, de todo este incidente o que vai resultar?

Veremos prejudicado um movimento inteligente, pelo egoísmo retrogrado — pela infundada desconfiança de alguns teimosos!

E', ainda, o arquitecto José Pacheco, em alguns minutos de conversa interessante, que me diz da sua esperança:

— Os novos entraram na Sociedade de Belas Artes, porque são artistas — porque tem a obra para, por direito proprio, ali entrar; e os que apoiam este movimento, embora sem obra, entraro, porque a lei estatuirá nem só os artistas, mas aos que se interessam pela arte, permite a entrada — disposição esta largamente aproveitada pelas anteriores e actuais direcções da Sociedade.

Além de tudo, não faz sentido que a Sociedade viva por brevemente — com dificuldades, sem rudimentares comodidades, sem instalações que a emparecem com as suas mais modestas congêneres, colocando em evidência a sua situação ante estrangeiros — e se permita dispensar o apoio material e económico que resultaria da entrada de cerca de duzentas pessoas, a que viriam juntar se, em breve, novos e valiosos elementos.

A Sociedade de Belas Artes, certamente, vai reconsiderar e mudar de rumo — as suas portas vão escancarar-se para que entrem os novos artistas, e desde incidente, em breves dias, não haverá rastro nem lembrança...

Porque os artistas — os verdadeiros artistas — resolvem quaisquer incidentes com elevação, sem rancor, vivendo só para a sua arte e pairando, com alma, muito ao cimo dos parcialismos vulgares.

Juliano QUINTINHA

## Manobra clara

Página estofada

### Altos salários

Examinemos com calma a maneira subtil como os conservadores vendo que pela violência não podiam dar nos extremistas o golpe decisivo, estão organizando a absorção dos revolucionários oubristas, que são poucos e de valor reduzido. Os dirigentes dos partidos republicanos são também conservadores, como os monárquicos; a república não é para eles um ideal, é uma instituição quase incharacterística que dá o predomínio político a meia dúzia de ambiciosos, que, por conveniência, se diz republicana. Qualquer monárquico impelido pela sedução do mando e da mesa do organismo apresenta-se repentinamente republicano, canta quatro lérias à Liberdade e Igualdade e abanca, participa do banquete. No fundo é o monárquico de sempre, o reacionário veso que odeia a liberdade, que combate os avançados não pela forma brutal mas franca violenta mas mais sincera dos reacionários confessos. Esses republicanos-monárquicos combatem os monárquicos, tentam evitar a monarquia não porque esta viesse esmagar os direitos do povo, as aspirações da grande massa; combatem-nos apenas porque a monarquia representa um outro grupelho sequioso que os arredria da mesa do organismo e lhes impedia satisfazer as vaidades que o poder desperta.

Assim, os reacionários, vendo que os sósinhos seriam impotentes para esmagar a organização operária e os avançados sinceros, mudaram de política, enveredaram pelo caminho da captação das forças republicanas, que são igualmente conservadoras, que nos odeiam, que temiam, no embate entre extremistas e reacionários, perder o ensaio de continuar à frente do país a fazer a administração republicana e a carregar-se como pudesssem.

Veio então a ponte de passagem do «restabelecimento da ordem». Reconheceu-se agora que outra revolução seria um desastre, inventou-se uma revolução bolchevista na forja. E por essa ponte de passagem, no nobre intuito de evitar o bolchevismo, a anarquia, fingindo amar imensamente a pátria — que era os interesses da classe dominante ameaçados — os republicanos encontraram-se, abraçaram-se comodamente e prometeram ter juízo.

Mas elas afinal não querem o sósiego da pátria, nem pretendem iniciar uma administração honesta. Eles pretendem apenas defender os seus privilégios da casta capitalista, desejam simplesmente defender a propriedade privada, garantir a impunidade dos seus negócios, das suas tranqueirinhas. Assim, esta fusão dos partidos republicanos é, traduzida à letra, a aliança dos conservadores, dos capitalistas que são os verdadeiros sustentáculos dos partidos políticos. Em vez de se revestir o movimento de reação que se está operando daqueles que é preciso obter e sobre todo fixar, como consequência da grande agitação económica que por toda a parte se está produzindo. Os trabalhadores devem proceder de forma que o movimento do seu salário seja aceite por todos como análogo dos termômetros chamados de máxima, que são aqueles em que o líquido tem apenas movimento ascendente. Quero dizer: marcando sempre a temperatura máxima dum lugar, nunca desce, ficando sempre no ponto que marca a temperatura mais elevada.

E' um salário nestas condições que é preciso obter e sobre todo fixar, como consequência da grande agitação económica que por toda a parte se está produzindo. Os trabalhadores devem proceder de forma que o movimento do seu salário seja aceite por todos como análogo dos termômetros chamados de máxima, que são aqueles em que o líquido tem apenas movimento ascendente. Quero dizer: marcando sempre a temperatura máxima dum lugar, nunca desce, ficando sempre no ponto que marca a temperatura mais elevada.

— Os desordeiros, os meneiros estão provocando a agitação para lançar o país na ruína, para dar lugar à intervenção estrangeira!

— E apoiado por todas as forças vivas, por todos os elementos da ordem, o governo mostraria então que papel tem a desempenhar — perseguir a organização operária e os militantes avançados.

Mas o operariado deve estar vigilante para responder com altivez à primeira agressão que da reação disfarçada venha a partir.

**O momento internacional**

NA ALEMANHA

pronto a entrar em campanha ao primeiro sinal, contra os «sinn-feiners», logo que isso lhe seja conveniente.

NA ITALIA

Os funerais das vítimas do fascismo em Roma.

Realizaram-se em 17 de corrente, em Roma, os funerais de Farnetti, Puglisi, Manna, Coppola, Barbieri e Mandolini, as seis vítimas da última ofensiva fascista, miseravelmente fildada em virtude da altitude decidida do proletariado romano.

Foi uma das manifestações mais impudentes, que até hoje se tem presenciado em Roma, dizendo os jornais burgueses que devia ser aproximadamente de cem mil o número de operários que acompanharam ao cemitério os seus camaradas assassinados.

Mas os presos afirmaram, gritaram a sua inocência e contra elas não conseguiram refutar duas razões comprovadoras da sua culpabilidade.

Como de Aveiro vieram para a Língua os operários presos naquela cidade, sob a acusação de terem lançado as bombas que ultimamente ali explodiram, o sr. dr. Barbosa Viana entendeu que devia instaurar-lhes um processo e remetê-los para o Línguero.

Mas os presos afirmaram, gritaram a sua inocência e contra elas não conseguiram refutar duas razões comprovadoras da sua culpabilidade.

O sr. Barbosa Viana não se impressionou. A ele não lhe interessava averiguar se os individuos que interrogava cometiam delito capaz de justificar o encarceramento. O seu critério é diferente.

Desde o momento em que se prendeu um operário, não mais se de prever com a iniquidade cometida, instaurou-se-lhe um processo, envia-se o operário para a cadeia e ele que aguarda o dia do julgamento. Nesse dia, quasi sempre passados muitos dias, muitos meses, prova-se que o operário não atentava contra a lei. Manda-se o operário para casa — e tudo fica liquidado.

Amanhã voltaremos a referir-nos a esta revoltante iniquidade.

A greve geral em Génova e na Ligúria.

Rebentou a greve geral na Ligúria, estando de pé o proletariado de toda a província em sinal de solidariedade para com os seus camaradas metalúrgicos.

Mesmo os electricistas e os operários doutrinas profissões, que tinham sido dispensados de aderir à greve, resolvem fazê-lo imediatamente, a fim de dar o seu sinal de solidariedade.

Todos vêem que a luta sustentada pelos operários metalúrgicos interessa a todo o proletariado visto que depois do patronato ter conseguido reduzir o salário aquela classe tentará estender essa medida a todas as classes resistentes.

NO EGIPTO

A rutura de relações com a Inglaterra.

As negociações, que já há alguns meses duravam entre o governo inglês e a delegação egípcia, dirigida pelo primeiro ministro Adly Pachá, acabam de sofrer um rompimento.

Segundo dizem os delegados egípcios, a causa desse rompimento foi a insistência da Inglaterra em não querer reconhecer ao Egito o direito de dispor de si mesmo, como é de justiça.

**TABALHADORES, LÉDE A NOVELA VERMELHA**

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.

Pede-se a todos o cumprimento da sua compaixão.

O Núcleo de J. S. em harmonia com a circular da Federação, organiza para 28, 29 e 30 de corrente sessões contra o movimento conservador que se forja, editando um manifesto onde será vincada a atitude dos jovens sindicalistas de Lisboa.

Está a brincar com o operariado e

Historiemos o incidente: Um grupo de artistas — pintores, escultores, arquitectos, musicos, actores, jornalistas e literatos — à frente dos quais se encontra o arquitecto José Pacheco, artista dum cérebro superior, elegante, europeu — brigadeiro admirável desta batalha de civilização — este grupo de artistas pensou em impulsionar a vida artística portuguesa, dando coesão a muitas aptidões dispersas, criando ambiente próprio ao meio artístico, estabilizando em sólidas bases esse movimento, de modo a criar uma opinião que se interessasse pelos artistas, dando a mais forte expressividade a todos os aspectos da Arte Nacional.

Conseguiu este ambiente interno, viriam depois as grandes relações com tudo o que de belo existe por esse mundo da Arte, maravilhas que desconhecemos como indígenas mesquinhos e adormecidos.

## Em S. Tiago de Cacém

## Interessante sessão de propaganda sindical

S. TIAGO DE CACÉM, 22.—Com a assistência de dois delegados, respectivamente o secretário geral da C. G. T. e António Tomás pela Federação Rural, realizou-se ontem a sessão de propaganda na Associação dos Trabalhadores Rurais, que em virtude dos camaradas delegados chegaram aqui no passado domingo, já tarde, não se efectuou naquele dia como estava anunciado.

Peas 19 horas, como a assistência

foste já numerosa, encontrando-se a casa — que comporta algumas centenas de pessoas — já repleta, não só de rurais, como de profissionais de todas as indústrias, foi declarada aberta a sessão pelo camarada Joaquim A. Cardoso, que em breves palavras expôs os fins da mesma, indicando para presidir António Palmilha que se faz secretariar por José Luís Pereira e José Francisco Dámaso.

E' dada a palavra a José L. Pereira que principia por dizer que é esta a turca sessão de propaganda que a Associação leva a efeito, após a sua reabertura e que oxalá que alguma coisa de proveitoso dela resulte. Préga a necessidade de todos os trabalhadores darem ingresso no seu sindicato, pois que, relativo ao número de sindicados se anuncia diminuto qualquer movimento que se queira pôr em prática nunca será corado de éxito. A propósito, cita um exemplo nobilitante que tiveram há meses os camaradas rurais de Aldeia Nova de S. Bento e Aldeia do Vargo, que declararam-se em greve, della saíram vitoriosos — o que é uma prova frisante que ali há consciência forte e portanto o necessário espírito de solidariedade.

Continuando, aconselha o afastamento da taberna, a qual todos devem trocar pelo seu sindicato profissional que é onde nos instruimos, educamos e nos preparamos para a grande obra de reconstrução social. Faz ainda mais algumas considerações, e por último, refere-se aos infantes atentados, especialmente praticados, atribuindo-os aos reactionários, que cada vez que o poder é escalado por políticos da esquerda republicana se começam logo a movimentar, lançando mão de todos os meios para imporem e justificarem a entrega do poder a militares, sempre caracterizadas conservadoras, a fim de que estes exerçam a maior repressão possível sobre as classes trabalhadoras.

Segue-se António Tomás, que dirige as suas saudações a todos os delegados presentes. Refere-se à última reunião do conselho de delegados diretores em Évora exaltando a sua importância, pelo que passa a ser a moção aprovada no dito conselho, a qual tende a fazer-se uma estatística com o

fin de se saber os hectares de terra que a região portuguesa comporta para a cultura de cereais, cujo trabalho ficará a cargo dos sindicatos de trabalhadores rurais, para depois de concluído ser enviado à respectiva Federação. Depois faz um confronto do que era a produção de antes de 1914, com a destes últimos anos, mostrando dados positivos as razões que levam os detentores da terra a não desejar que haja abundância.

Prosseguindo, aponta um caso típico: Os proprietários do Reguengo Grande pagavam aos assalariados rurais 2500, o que é o suficiente para se morrer lentamente de fome. Pois bem, como estes reclamassem mais 1000, trataram de mandar vir trabalhadores de outras regiões, aos quais não dão apenas o 100% de aumento mas sim 2500!

Fazendo algumas referências sobre a Confederação Patronal, o orador diz que eles realizaram o seu congresso secretamente, em que aprovaram uma verba de muitas dezenas de contos de réis, para compra de armamento para empregarem contra os trabalhadores organizados.

Por último salienta que a população de associados é cada vez maior em todo o Universo, citando a propósito números da estatística internacionais 1 de 1910 a 1919, salvo o érro, publicado em Abril p. n. na Batalha. Apela para que todos cumpram com o seu dever dentro da associação, robustecendo-a, porque robustecendo-se os sindicatos, é que a Federação poderá ser aquilo que é necessário que seja para desempenhar cabalmente o seu missão.

O orador foi por vezes interrompido com mercedes aplausos.

Fala em seguida o camarada M. J. de Sousa, secretário geral da C. G. T. que prende mais de uma hora a assistência com um empolgante discurso, de que não, francamente os confessamos, não conseguiremos dar mais que um resumo.

Em primeiro lugar dirige as suas saudações a todos os trabalhadores que se encontram presentes. Diz a seguir nessa localidade, como de resto em quase todas as localidades pequenas da província, onde a propaganda tem sido pouca, existir certa ignorância da parte das autoridades e dos próprios trabalhadores, — estes por se lhe curvarem, aqueles por serem exigentes em formalidades legais. ora não, diz o orador, que lutamos por uma sociedade melhor — a sociedade igualitária — como havemos de fazer a nossa propaganda, se não indo de encontro à lei, ao Estado, enfim à chamada legalidade, tudo original e causas da desordem social-económica?

Passa a explicar claramente, e com proficiência o que foi a civilização passada, a presente e o que será a Sociedade Futura.

Diz que os ares andam turvos e fala dum projectada revolução, levada a efeito por elementos conservadores. A propósito de revolução e revolucionários políticos, descreve a diferença que existe entre o nosso revolucionarismo e os deles, enquanto que eles trabalham unicamente para destronar hoje uns e amanhã alicerçando outros no poder, nós vamos instruindo e educando as massas produtoras, afim de no Futuro assumirem a responsabilidade e direcção de toda a produção.

Continuando, o orador fala detalhadamente, sobre os códigos civil e penal; o primeiro, diz, é garantia e segurança da propriedade privada; o segundo garante o princípio de autoridade. Borda considerações, sobre a forma como eles são sofisados pelos burgueses, sempre que lhes agravam.

Refer-se a escravidão que vem de tempos remotos, derivada da falsa educação Trancoso.

cação e imposição de preconceitos estúpidos.

A propósito do jogo que os políticos divididos em clientela, fazem com o povo ignorante, igualmente dividido, cita um caso de um filósofo inglês, caso aliás engracado, mas que nos fala a memória para o descrever. Alude aos chamados tribunais de defesa social e às leis de exceção; não nega, todavia, que haja criaturas boas, bem intencionadas imiscuidas nestas coisas nocivas ao povo, mas que, impulsionadas pelo direito de propriedade privada — se tornam verdadeiros automáticos.

Seguidamente faz uma demorada preleção sobre o tempo em que imperou Nero fazendo a descrição do terrorismo dessa época.

Faz algumas considerações a respeito da tomada das terras pelos camponeses russos, esclarecendo que estes se encontravam impreparados, e que por isso não devemos instruir os nossos camponeses de forma a aceitarem a Revolução e a procederem em harmonia com os princípios revolucionários.

Terminando, fala da necessidade dos conselhos técnicos, explicando as vantagens que os mesmos trazem aos produtores organizados.

O seu discurso foi bastas vezes entrecortado por aplausos da assistência e, daí a própria autoridade representada. Devia passar já das 22 qua. do foi encerrada a sessão.

No final levantaram-se vivas à organização operária, à Batalha, à Revolução Social, etc.

Conveia frisar que na véspera do dia em que estava marcada a sessão chegaram aqui bastantes soldados da cavalaria da guarda republicana, correndo logo com insistência entre os parvenses mal intencionados que a sessão seria proibida. Tudo isto são manejos reactionários para amedrontar a plebe ignorante. Quem os não conhecer...

## O caso do chauffeur Manuel Claro

Realizou-se ontem na Associação dos Chauffeurs, a anunciada primeira palestra elocutiva desta infame questão,

estando a sala completamente cheia não só de chauffeurs, como também de operários e indivíduos de todas as condições sociais.

O camarada Hugo da Fonseca, que realizou a palestra, prendeu por mais de uma hora a atenção da assistência, tendo na sua bem argumentada análise demonstrado quão injusto é o encarceramento do chauffeur Claro, pelo que final recebeu uma salva de palmas da assistência, que saiu satisfeita.

A próxima palestra será realizada no dia 29 por um militante da classe operária, que conhece bem o assunto e se interessa vivamente por ele.

## Classes que reclamam

## Operários do Município

A comissão delegada dos operários Municipio de Lisboa procurou avisar-se com o sr. Manuel Martinho, vereador do pelourinho dos incêndios, que a reunião do conselho de delegados em Évora exaltando a sua importância, pelo que passa a ser a moção aprovada no dito conselho, a qual tende a fazer-se uma estatística com o

fin de se saber os hectares de terra que

a região portuguesa comporta para

a cultura de cereais, cujo trabalho ficará a cargo dos sindicatos de trabalhadores rurais, para depois de concluído ser enviado à respectiva Federação.

Pois este sr. recusou receber a comissão, negando-se intrinsecamente a tratar com os operários municipais. Este vereador demonstrou ser um espírito eminentemente reactionário, embora se presumeira de democra.

Continuando, aponta um caso típico:

Os proprietários do Reguengo Grande pagavam aos assalariados rurais 2500,

o que é o suficiente para se morrer lentamente de fome. Pois bem, como estes reclamassem mais 1000, trataram de mandar vir trabalhadores de outras regiões, aos quais não dão apenas o 100% de aumento mas sim 2500!

Fazendo algumas referências sobre a Confederação Patronal, o orador diz que eles realizaram o seu congresso secretamente, em que aprovaram uma verba de muitas dezenas de contos de réis, para compra de armamento para empregarem contra os trabalhadores organizados.

Por último salienta que a população de associados é cada vez maior em todo o Universo, citando a propósito números da estatística internacionais 1 de 1910 a 1919, salvo o érro, publicado em Abril p. n. na Batalha. Apela para que todos cumpram com o seu dever dentro da associação, robustecendo-a, porque robustecendo-se os sindicatos, é que a Federação poderá ser aquilo que é necessário que seja para desempenhar cabalmente o seu missão.

O orador foi por vezes interrompido com mercedes aplausos.

Fala em seguida o camarada M. J. de Sousa, secretário geral da C. G. T. que prende mais de uma hora a assistência com um empolgante discurso, de que não, francamente os confessamos, não conseguiremos dar mais que um resumo.

Em primeiro lugar dirige as suas saudações a todos os trabalhadores que se encontram presentes. Diz a seguir nessa localidade, como de resto em quase todas as localidades pequenas da província, onde a propaganda tem sido pouca, existir certa ignorância da parte das autoridades e dos próprios trabalhadores, — estes por se lhe curvarem, aqueles por serem exigentes em formalidades legais. ora não, diz o orador, que lutamos por uma sociedade melhor — a sociedade igualitária — como havemos de fazer a nossa propaganda, se não indo de encontro à lei, ao Estado, enfim à chamada legalidade, tudo original e causas da desordem social-económica?

Passa a explicar claramente, e com proficiência o que foi a civilização passada, a presente e o que será a Sociedade Futura.

Diz que os ares andam turvos e fala dum projectada revolução, levada a efeito por elementos conservadores. A propósito de revolução e revolucionários políticos, descreve a diferença que existe entre o nosso revolucionarismo e os deles, enquanto que eles trabalham unicamente para destronar hoje uns e amanhã alicerçando outros no poder, nós vamos instruindo e educando as massas produtoras, afim de no Futuro assumirem a responsabilidade e direcção de toda a produção.

Continuando, o orador fala detalhadamente, sobre os códigos civil e penal;

o primeiro, diz, é garantia e segurança da propriedade privada; o segundo garante o princípio de autoridade.

Borda considerações, sobre a forma como eles

são sofisados pelos burgueses, sempre

que lhes agravam.

Refer-se a escravidão que vem de tempos remotos, derivada da falsa educação Trancoso.

cação e imposição de preconceitos estúpidos.

A propósito do jogo que os políticos divididos em clientela, fazem com o povo ignorante, igualmente dividido, cita um caso de um filósofo inglês, caso aliás engracado, mas que nos fala a memória para o descrever. Alude aos chamados tribunais de defesa social e às leis de exceção; não nega, todavia, que haja criaturas boas, bem intencionadas imiscuidas nestas coisas nocivas ao povo, mas que, impulsionadas pelo direito de propriedade privada — se tornam verdadeiros automáticos.

Seguidamente faz uma demorada preleção sobre o tempo em que imperou Nero fazendo a descrição do terrorismo dessa época.

Faz algumas considerações a respeito da tomada das terras pelos camponeses russos, esclarecendo que estes se encontravam impreparados, e que por isso não devemos instruir os nossos camponeses de forma a aceitarem a Revolução e a procederem em harmonia com os princípios revolucionários.

Terminando, fala da necessidade dos conselhos técnicos, explicando as vantagens que os mesmos trazem aos produtores organizados.

O seu discurso foi bastas vezes entrecortado por aplausos da assistência e, daí a própria autoridade representada. Devia passar já das 22 qua. do foi encerrada a sessão.

No final levantaram-se vivas à organização operária, à Batalha, à Revolução Social, etc.

Conveia frisar que na véspera do dia em que estava marcada a sessão chegaram aqui bastantes soldados da cavalaria da guarda republicana, correndo logo com insistência entre os parvenses mal intencionados que a sessão seria proibida. Tudo isto são manejos reactionários para amedrontar a plebe ignorante. Quem os não conhecer...

Na véspera do dia 22, o orador fala

detalhadamente, sobre os códigos civil e penal;

o primeiro, diz, é garantia e segurança da propriedade privada; o segundo garante o princípio de autoridade.

Borda considerações, sobre a forma como eles

são sofisados pelos burgueses, sempre

que lhes agravam.

Refer-se a escravidão que vem de tempos remotos, derivada da falsa educação Trancoso.

cação e imposição de preconceitos estúpidos.

A propósito do jogo que os políticos divididos em clientela, fazem com o povo ignorante, igualmente dividido, cita um caso de um filósofo inglês, caso aliás engracado, mas que nos fala a memória para o descrever. Alude aos chamados tribunais de defesa social e às leis de exceção; não nega, todavia, que haja criaturas boas, bem intencionadas imiscuidas nestas coisas nocivas ao povo, mas que, impulsionadas pelo direito de propriedade privada — se tornam verdadeiros automáticos.

Seguidamente faz uma demorada preleção sobre o tempo em que imperou Nero fazendo a descrição do terrorismo dessa época.

Faz algumas considerações a respeito da tomada das terras pelos camponeses russos, esclarecendo que estes se encontravam impreparados, e que por isso não devemos instruir os nossos camponeses de forma a aceitarem a Revolução e a procederem em harmonia com os princípios revolucionários.

Terminando, fala da necessidade dos conselhos técnicos, explicando as vantagens que os mesmos trazem aos produtores organizados.

O seu discurso foi bastas vezes entrecortado por aplausos da assistência e, daí a própria autoridade representada. Devia passar já das 22 qua. do foi encerrada a sessão.

No final levantaram-se vivas à organização operária, à Batalha, à Revolução Social, etc.

Conveia frisar que na véspera do dia em que estava marcada a sessão chegaram aqui bastantes soldados da cavalaria da guarda republicana, correndo logo com insistência entre os parvenses mal intencionados que a sessão seria proibida. Tudo isto são manejos reactionários para amedrontar a plebe ignorante. Quem os não conhecer...

Na véspera do dia 22, o orador fala

detalhadamente, sobre os códigos civil e penal;

o primeiro, diz, é garantia e segurança da propriedade privada; o segundo garante o princípio de autoridade.

Borda considerações, sobre a forma como eles

são sofisados pelos burgueses, sempre

que lhes agravam.

Refer-se a escravidão que vem de tempos remotos, derivada da falsa educação Trancoso.

cação e imposição de preconceitos estúpidos.

A propósito do jogo que os políticos divididos em clientela, fazem com o povo ignorante, igualmente dividido, cita um caso de um filósofo inglês, caso aliás engracado, mas que nos fala a memória para o descrever. Alude aos chamados tribunais de defesa social e às leis de exceção; não nega, todavia, que haja criaturas boas, bem intencionadas imiscuidas nestas coisas nocivas ao povo, mas que, impulsionadas pelo direito de propriedade privada — se tornam verdadeiros automáticos.

Seguidamente faz uma demorada preleção sobre o tempo em que imperou Nero fazendo a descrição do terrorismo dessa época.

Faz algumas considerações a respeito da tomada das terras pelos camponeses russos, esclarecendo que estes se encontravam impreparados, e que por isso não devemos instruir os nossos camponeses de forma a aceitarem a Revolução e a procederem em harmonia com os princípios revolucionários.

# A BATALHA no Porto

O operariado do Porto em face do projectado movimento reaccionário. — Redinem os construtores civis e dão a adeção à U. S. O.

PORTO, 23 — C. — As classes trabalhadoras desta cidade continuam a organizar-se para a defesa das suas liberdades ameaçadas. Há Sindicatos que tem reunião mais que uma vez conservando-se, consoante as resoluções tomadas, em sessão permanente.

Os delegados especiais junto da C. A. da U. S. O., tem permanecido vigilantes, afim de comunicarem imediatamente aos sub-comités das suas classes qualquer resolução urgente que, de um momento para o outro, possa ser tomada.

Ontem, coube a vez aos operários da indústria de construção civil pronunciarem-se sobre a situação actual. Para esse fim, reuniram-se na sede do seu Sindicato Unico. Um membro da C. A. desse Sindicato expôz à assistência qual o fim que dera origem à convocação daquela assembleia geral extraordinária: — o perigo que as liberdades operárias correm perante um denunciado movimento insurreccional preparado pelas hostes da reacção, e cujo impeto é mister abater.

O secretário da U. S. O., que fôr convidado a assistir àquela reunião e a tomar parte nos seus trabalhos, eluciou claramente, todos os presentes da forma como foi descoberta a conspiração surda do reaccionismo, para cuja descoberta contribuiu enormemente o jornal "A Batalha"; explicitou qual o direcção, qual o objectivo primacial, que os conservadores se esforçam por atingir: o assassinato premeditado, e guiado por uma lista, dos melhores militantes operários, para que o aniquilamento da organização sindical seja mais seguro e mais radical; a anulação de todas as liberdades que o proletariado conquistou através de tantos anos; a rebaixa dos salários, a extinção dos tribunais de acidentes no trabalho e árbitros avindores, etc., etc.

A iminência desta grande execução retrocessiva, é que a U. S. O. fez o seu apelo a todas as classes operárias, para se unirem e preparam para a luta, salvando-se ou morrendo na mais trágica das tiranias. O triunfo da reacção, é o esmagamento dos que trabalham.

A seguir falaram vários camaradas da indústria de construção civil, tendo todos elas frases energicas de revolucionarismo e de repulsa contra os maiores encapacitados dos elementos da Patronal e demais aliados ultramontanos. Unanimemente se reconheceu a necessidade dum greve geral revolucionária — mas, verdadeiramente revolucionária, afirmaram todos os oradores — de todo o operariado, para opor um grande e eficaz à onda envolvente vindas da borda reaccionária. Como, porém, também foi reconhecida a vantagem de se fazer a máxima propaganda entre a indústria do que se passa e do que há a fazer, conservando-se em constante agitação, foi aprovada esta proposta:

— Proponho para que seja distribuída à indústria da construção civil, mantendo-se só para o seu comitê executivo das maiores que as classes conservadoras vêm fazendo contra o operariado, mas também para a convocar a uma nova reunião que se realizará na próxima sexta-feira, no entanto, desde já a indústria de sobreaviso para corresponder a qualquer chamamento, que, antecipadamente, a U. S. O. venha a fazer.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade e encarregados todos os assistentes de, pelas obras e oficinas, animarem os seus camaradas para a luta, afim de não ser desmentida a tradição revolucionária dos operários da construção civil.

O Núcleo da Juventude Sindicalista perante os acontecimentos actuais

O Núcleo da Juventude Sindicalista só quizer ficar indiferente perante os acontecimentos que vão decorrendo. Assim, na sua última reunião, foi largamente apresentada uma circular dirigida à Federação das Juventudes Sindicalistas, na qual se faziam ponderadas referências acerca da esperada eclosão

N.º 6

Documentos aprovados no congresso constitutivo da INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA, efectuado em Moscovo, de 3 a 19 de Julho de 1921

(Continuação)

— aders do antigo movimento sindical fazem tentativas espetadas para substituir a fiscalização operária pela fiscalização da burocracia industrial com comissões paritárias, interessando os operários nos lucros, e para fazer adoptar outros processos "democráticos", cuja base é a teoria burguesa da "igualdade em direitos" do trabalho e do capital, com a conservação para a burguesia o direito de propriedade privada sobre os meios de produção. Esta ideia de igualdade, muito cultivada pelos trade-unionists em Inglaterra, recebendo a sua consagração no X congresso dos sindicatos alemães (1919) e predominando ainda na C. G. T. francesa é, de facto, uma tentativa para enganar as massas operárias das suas tarefas imediatas e dirigindo-lhes as atenções para as velhas ideias burguesas da Internacional amarela dos sindicatos.

4. — A tentativa dos leaders sindicais amarelos para apôr à fiscalização operária revolucionária o princípio da fiscalização pelo Estado, fortemente sustentado pela burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou duma classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

5. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

6. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

7. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

8. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

9. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

10. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

11. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

12. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

13. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

14. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

15. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

16. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

17. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

18. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, e a burguesia que utiliza hábilmente este princípio de pseudo-socialização nos seus interesses de classe, tem a mesma significação. Ao mesmo tempo vela-se dum maneira premeditada o facto de que a transmissão ao Estado da propriedade sobre os meios de produção não significa de maneira alguma a entrega dêles a toda a população, mas apenas a passagem da produção, da fiscalização e da direcção das mãos dum grupo particular de representantes da classe dirigente as mãos de toda esta classe. A teoria da fiscalização do Estado supõe a existência de órgãos administrativos de gestão da produção compostos de representantes dos operários do Estado, ou então dos operários, dos patrões e do Estado. Neste caso, os representantes do Estado são encarados como agindo em nome de toda a população, enquanto os representantes dos operários se consideram agindo em nome dum grupo ou dum classe. Aqui se salienta a falsidade essencial do princípio da representação democrática baseado sobre a paridade absolutamente inaceitável pela fiscalização operária revolucionária, que é baseada sobre a negação do Estado moderno como sendo um instrumento entre as mãos de burguesia, e opõe a este o Estado proletário, que reflete os verdadeiros interesses de todos os trabalhadores.

19. — Eis porque a luta em torno da fiscalização financeira, que é a base da fiscalização operária, é a luta entre a burguesia, que

## A BATALHA

EFFECTUE O SEU SEGURO DE VIDA

— NA —  
**GARANTIA**

Companhia de Seguros que tem 68 anos de existência, pois foi fundada em 1853

Todas as combinações de seguros sobre vida humana e os interessantes e vantajosos seguros **FAMILIAR** (seguro de capital e pensão) e misto de capital duplo que duplica o capital no caso de sobrevivência. Prestam-se todas as informações na Agência em Lisboa: Casa Bancária — JOSE HENRIQUES TOTTA, Lda —— NA —  
**Sapataria S. Roque**Esta casa apesar das constantes subidas mantém os seguintes preços:  
Botas de verniz. . . . . 26\$00  
Botas de verniz, cano de camurça. . . . . 25\$50  
Botas de calf, côn, forma moderna. . . . . 26\$50  
Botas em calf, preto, 2 solas. . . . . 22\$00**GRANDES PECHINCHAS**Botas em calf, côn, de 1.º que noutras casas se vendem a 50\$00 28\$50  
Botas de vela branca. . . . . 13\$75  
Sapatos para senhora em calf verniz e veludo desde . . . . . 11\$00Calçado de luxo em todos os géneros por preços convidativos  
Vendas por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

**Queiroz L. da**  
L. Trindade Coelho, 17  
(antigo L. de S. Roque)**ISQUEIROS**

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55. (Tabacaria do isqueiro á porta).

**Queréis** o vosso  
relógio  
concer-  
tado com garantia e por  
preço módico?  
Levá-lo ao**33 de S.º André**  
actualmente  
Largo Rodrigues de Freitas, 33  
(em frente do chafariz)**OFICINA DE RELOJOEIRO**  
E OURIVES  
DE  
ALVES D'ANDRADE, Lda**EMILIO TROISE****Capacidad revolu-  
cionaria de la clase  
obrera — Sindicato y  
Partido.**Custo d'este folheto, em lingua  
espanhola \$20. Pelo correio \$23Pedidos acompanhados da respectiva  
importância à administração da A  
BATALHA**Serviço de Livraria****A BATALHA****Instituição profissional****Elementos gerais****Obras 3550 encadernadas:**

Alegria elementar — Primitivas — Práticas — Desenho linear — Geométrico — de física — de mecânica — de modelação, ornato e figura — de projeções — de química — Escrituração Comercial e Industrial — Geometria Plana e no Espaço.

**Mecânica**

Desenho de máquinas, 7850 — Materiais Agrícolas, 3850 — Nomenclatura de máquinas e caldeiras, 3600 — Problemas de máquinas, 3500.

**Construção Civil****Obras 3550 encadernadas:**

Abacondamentos das Construções — Alvenaria e Cantaria — Edificações — Encadernamentos e salubridade das habitações — Materiais de construção — Terraplanagem e os alicerces — Trabalhos de Carpintaria Civil — Trabalhos de Serralheria Civil.

**Manuals de ofícios****Obras encadernadas:**

Condutor de máquinas, 4800 — Eléctrica 500 — Fabricantes de tecidos, 3850 — Ferreiro, 3300 — Foguero 3850 — Formador e Estudador 3850 — Fundidor 4800 — Galvanoplastia, 4800 — Motores e Explosões, 4800 — Navegação 4800 — Pintor, 4800 — Sapeiro, 4800 — Serralheiro Mecânico, 4800 — Torneiro Mecânico 4800 — Indústria Alimentar 3650 — Indústria Cerâmica 3850.

**Krapotkin:**A Anarquia sua filosofia e seu ideal. . . . . 890 895  
A Grande Revolução (2 vol.). . . . . 2800 2850  
A moral anarquista. . . . . 812 815**Conselhos de escritórios****A PROPÓSITO****— DO —****DEBATE DE OPINIÕES****A Ditadura do****Proletariado****de CARLOS RATES**

Preço 40 centavos

Pedidos à administração

de A BATALHA

**FERRAGENS E FERRAMENTAS****Valério, Lopes & C. L.**Telefones (central) 2778 e 3478  
gramas FerrameFerramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,  
latão, zinco, chumbo e aresas diversas.  
Carris, vagões e todos os pertences de material  
Decauville.22, Largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7**LISBOA****Obras de literatura, ciência e ensino**

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima — Educação e ensino. . . . . 1800  
Alfredo Binet — A alma e o corpo. . . . . 3000  
Alfredo Neves Dias — Razão (po-  
meto social). . . . . 805  
Benedict — Arte de estudar. . . . . 1850  
Bruselas — A vida social. . . . . 960  
Olemeiro Jacquinot — História Uni-  
versal (2 vol.). . . . . 2800Colson: Organismo económico e desordem  
social. . . . . 2850Dante: A ciência e a vida. . . . . 1850  
Dastre: A vida e a morte. . . . . 2850Ernesto da Silva — Teatro livre e  
Arte social. . . . . 905

Faguet: Iniciação literária. . . . . 5000

Flammarion: Iniciação astronómica. . . . . 2000

Gorki: Os degenerados. . . . . 1000

Isben: Os espetros (teatro). . . . . 1800

Jaime Cortesão — Adão e Eva (te-  
atro). . . . . 3000

Jean Oruet — A vida do direito. . . . . 2850

Laisant — Iniciação matemática. . . . . 2800

Le Bon — Evolução geral da vida. . . . . 860

Manuel Ribeiro: A Catedral. . . . . 2850

Império verdade. . . . . 830

O sentido de viver (versos). . . . . 1800

Mirabeau: O Jardim dos Supícios. . . . . 1850

Memórias dum criado de quarto. . . . . 3000

Neno Vasco — O Pecado de Simona  
Tolstoi. . . . . 1800

Vitor Hugo: França e Bélgica (2 v.). . . . . 3000

Hin d'Islândia (2 vol.). . . . . 3000

Noventa e três (3 vol.). . . . . 3000

O homem que ri (3 vol.). . . . . 4850

O Renascimento (3 v.). . . . . 4850

O ultimo dia de um condenado. . . . . 1850

Zola: Alegria de viver (2 vol.). . . . . 3000

A conquista de Piassana (2 vol.). . . . . 3000

A fortuna dos Rougons (2 vol.). . . . . 3000

O s. m. m. (3 v.). . . . . 4650

Paraiso das Damas (2 vol.). . . . . 3000

Tereza Riquim. . . . . 1850

Reinach — História das religiões. . . . . 880

Strauss — A velha e a nova fé. . . . . 1450

Toulouse — Como se deve educar o  
espírito. . . . . 2000

SAÍDAL

E o agente único capaz de transformar esta sociedade raquítica e sofredora em sociedade forte e forte é o sindicato. E só o sindicato tem poderes nem desfeitos) e Infalível porque, além da sua ação química, é o único que tem a ação mecânica de fechar herméticamente o aberto. Acaba directamente com os filhos que se não podem bem criar e educar, e indirectamente com o alcoolismo, a tísica, etc., etc., evitando-lhes os descendentes.

Cura intimamente as purgações, por mais anigas, em ambos os sexos

FARMÁCIA CABRAL, Suc. res — Pampulha — Lisboa

**Publicações sociológicas**

(A' venda na Secção de de Livraria de A BATALHA)

Pelo correio. . . . . 1800

Sindicato e Parlamentarismo. . . . . 802 805

Os bastidores da guerra. . . . . 805 808

Lagardolte: Sindicato e Socialismo. . . . . 80 85

Landauer: A Social Democracy na Ale-  
manha. . . . . 805 808

Leone — O Sindicato. . . . . 1800 1815

M. Pierrot — Sindicato e Re-  
volução. . . . . 80 85Malatesta: A política parlamentar no mo-  
vimento socialista. . . . . 805 808O programa socialista-anar-  
quista revolucionário. . . . . 805 808

Entre campões. . . . . 80 85

No café. . . . . 80 85

Manuel Ribeiro: Na Ninha do  
fogo. . . . . 650 670

Marx — O Capital. . . . . 1800 1850

Naquet — A caminho da união  
ivre. . . . . 1820 1835

Nietzche: Anti-Cristo. . . . . 1800 1815

Genealogia da moral. . . . . 1800 1815

Griffuelles — A ação sindicalis-  
tico. . . . . 805 830Fabre Ribas — O socialismo e o  
conflikt europeu. . . . . 880 890Eduardo de S. — A questão  
operária e o sindicalismo. . . . . 850 855Charles Albert — O amor livre  
Content — Contra o confusional-  
ismo. . . . . 810 815Delaius — A guerra, os países, os  
homens e a guerra. . . . . 810 815Domeini Nieuwenhuis — Pátria e  
Humanidade. . . . . 810 815Dufour — O sindicalismo e a pró-  
xima revolução (2 vol.). . . . . 2800 2850Emilio Costa — Ação direta e  
acção legal. . . . . 805 808

Ettore Belotti — Minha defesa. . . . . 810 815

Fraser — A Rússia vermelha. . . . . 2850 2880

Gardiner de Grey — As leis  
sociais. . . . . 1800 1815Guyau — Ensino gama moral sem  
obrigação nem sanção. . . . . 1800 1815Hamon: A conferência da Paz e a sua  
obra. . . . . 1800 1815

A guerra da guerra mundial. . . . . 2800 2825

B. — O movimento operário na  
Grã-Bretanha. . . . . 1800 1815

Briand — A greve geral. . . . . 810 815

Camões — O amor livre. . . . . 810 815

Carmo de Moura — O amor livre. . . . . 810 815

Carrasco — A confusionalismo. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815

Carrasco — A escravidão. . . . . 810 815